
A convergência midiática e as novas interfaces educacionais na configuração de identidade profissional de Produção Editorial e Editoração¹

Lóren Kellen Carvalho JORGE²
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Este artigo propõe-se a refletir sobre as mudanças no mundo do trabalho editorial, ocasionadas pela globalização, pela convergência midiática e pelas novas interfaces educacionais. Parte destas reflexões compõem o projeto de tese doutoral intitulado previamente de “A convergência midiática e as novas interfaces educacionais na configuração de identidade profissional de Produção Editorial e Editoração”. No século XX com o avanço da ciência, as técnicas da informação adquiriram significativo papel na sociedade. A partir do século XXI, as novas tecnologias, oriundas da globalização, alteram as diversas esferas da vida em sociedade, seja na educação ou mundo do trabalho, a globalização transforma o mercado editorial.

PALAVRAS-CHAVE: Convergência Midiática; Identidade; Produção Editorial.

INTRODUÇÃO

Os Estudos Editoriais constituem-se de olhares plurais para a pesquisa e o mercado editorial. O campo, em constante movimento, demanda profissionais que atuem com pluralidade e multidisciplinaridade, atendendo as diferentes demandas do mundo do trabalho contemporâneo.

As transformações na esfera do trabalho decorrem da globalização e impactam na economia, na política e na cultura. Ademais, as consequências do fenômeno da globalização são postas para observação e análise por pesquisadores que apresentam diferentes óticas do processo.

As novas tecnologias alteram o mundo do trabalho, bem como, transformam o mercado editorial. (BOMFÁ, 2018). Contudo, os Estudos Editoriais dedicam-se, em sua maioria, na compreensão de produtos, objetos e interfaces editoriais. Todavia, carece de pesquisas sobre o fazer editorial e a identidade profissional.

Desta forma, este artigo tem por finalidade refletir acerca da identidade profissional dos Produtores Editoriais e Editores pelo viés da convergência midiática e

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Mestre em Tecnologias Educacionais em Rede (UFSM). Especialista em Design Instrucional (SENAC). Graduada em Comunicação Social - Produção Editorial (UFSM). Professora na Faculdade de Direito de Santa Maria.

das novas interfaces educacionais, tendo em vista que estes atores são igualmente atingidos pelas transformações do mundo globalizado, bem como os produtos que elaboram.

Com o fim de delimitar a pesquisa, optamos por investigar a identidade profissional dos profissionais de Produção Editorial e Editoração de uma das diversas áreas da profissão. Tendo em vista a vasta diversidade de nichos editoriais. Desta maneira, elegemos a interface da educação. Justificada pela sua importância, em âmbito comercial e também social.

Por tratar-se de um projeto de tese doutoral, limitamos este artigo a um dos objetivos específicos da pesquisa, destinado à compreensão da constituição identitária dos profissionais. O objetivo é realizar um mapeamento das disciplinas voltadas à Produção Editorial Didática nos Cursos de Produção Editorial e Editoração do Brasil e analisar os Planos Pedagógicos de Cursos (PPC) de modo a examinar os textos destinados à representação do perfil de egresso. Para analisar a existência ou inexistência da presença de convergência midiática e de características do mundo do trabalho e buscar respostas para a indagação: Como a convergência midiática e as interfaces educacionais impactam na configuração da identidade profissional e na produção editorial didática?

1. Perversidades e possibilidades da globalização na esfera da educação e do trabalho

Para iniciarmos sobre a convergência midiática e a configuração de identidades profissionais sentimos a necessidade de contextualizar a pesquisa. Por isso, para nós é caro o conceito de globalização. Discutido por Milton Santos (2002) e Nestor Garcia Canclini (2010) reunimos neste artigo algumas de suas contribuições acerca do termo.

O processo de globalização é permeado por mudanças líquidas e para Santos (2000) o fenômeno não é somente consequência do sistema de técnicas, mas também resultado de ações que carregam o sentimento de urgência como pressuposto.

Haja vista, para Santos (2000, p.12), os fatores que favorecem a configuração da globalização são “a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado

pela mais valia globalizada”. Desta maneira, ao incluir técnicas modernas o mercado global produz uma globalização perversa.

A perversidade para Santos (2000) é um dos tipos de globalização. A crueldade da globalização no mundo do trabalho pode ser exemplificada com o surgimento de modelos e produtos inovadores e tecnológicos, isto porque quando novas técnicas no mercado são implementadas, as demais não desaparecem, todavia, estão acessíveis exclusivamente aos atores hegemônicos, com possibilidade de adoção das inovações e modernidades, enquanto os demais seguem utilizando o conjunto de técnicas, produtos e mídias obsoletos. Desta forma, os indivíduos caracterizados como “desatualizados” e “ultrapassados” por não acompanharem o movimento do mercado tornam-se “menos importantes” na conjuntura atual do mundo do trabalho.

No contexto da globalização enquanto perversidade, Canclini (2010, p.11) define que ela é um “processo de reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las”. Na comunicação e na educação, o fenômeno interfere na sociedade quando exclui os desconectados e assim, impossibilita a interação com os demais. Assim, a globalização não supre diferenças e desigualdades, contudo maximiza estas diferenças.

A partir da obra de Hall (1997) observamos que a globalização é um fenômeno que se instaura em diferentes âmbitos. Seja nas relações interpessoais, na cultura ou no mundo do trabalho. Conforme o cerne desta pesquisa encontra-se no mundo do trabalho destacamos que a globalização atua neste espaço por conta da homogeneização do mercado, uma das suas características. (HALL, 1997). A existência de uma padronização do Ocidente e do Norte pode minimizar identidades pessoais para maximizar as profissionais que se regulam de acordo estes países desenvolvidos. Também consideramos que esta é uma face da globalização perversa, já que resulta em um apagamento das características individuais e também do mercado nacional e regional. Isto porque, as ações destes atores, por vezes, estão embebidas de regras, normas, leis e cultura organizacional, gerando profissionais que executam tarefas e seguem ordens sem compreender os motivos e sentido delas, reproduzindo de forma mecânica processos de trabalho. Este ponto é de suma importância para a pesquisa, já que são profissionais editoriais que elaboram materiais didáticos e demais recursos utilizados na educação básica.

Até aqui, refletimos sobre a globalização no mundo do trabalho, todavia, ela também está presente na educação, justamente em função da formação profissional para o mercado. Assim, educação e trabalho são áreas que dialogam diretamente. Contudo, Martin-Barbero (2006) indica que um dos grandes desafios da formação acadêmica perpassa pela globalização, pois majoritariamente, as Instituições de Ensino (IES) não integram estratégias que dialogam em busca de saberes e tecnologias. Para o autor, estas organizações desconhecem a complexidade das relações que estão imbricadas por mudanças no saber da sociedade do conhecimento e mudanças do mundo do trabalho.

Para Martin-Barbero (2006), as convergências constituem um novo universo de linguagens e escritas, o que solicita a configuração de novas identidades profissionais. Contudo, as IES não conseguem acompanhar a velocidade das transformações do mundo do trabalho. Para o autor, existe um destempo entre academia e mercado do trabalho. Assim, a formação acadêmica enfrenta o destempo de diferentes gerações, os modelos educacionais tradicionais voltados ao conteúdo e das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

2. Configuração identitária: academia e mundo do trabalho

O mundo do trabalho constitui-se pela pluralidade de relações, estruturas, visões e propostas mercadológicas diferentes. É necessário tempo para criar, readaptar e repensar, contudo, o ócio não é bem-visto pela sociedade.

Para Roseli Figaro (2008),

O universo do trabalho foi o que mais sofreu mudanças em sua organização e estrutura. As novas tecnologias de informação, os fluxos globais de mercadorias, informações e valores, a reorganização das plantas industriais e os novos métodos de gestão da produção e de pessoas têm em si muito de comunicação. (FIGARO, 2008, p.11).

As mudanças resultantes da globalização estimulam a competitividade no mundo do trabalho. Para Santos a globalização “torna exponencial a briga entre as empresas e as conduz a alimentar uma demanda diuturna de mais ciência, de mais tecnologia, de melhor organização, para manter-se à frente da corrida”. (SANTOS, 2000, p.15). O geógrafo vai além ao dizer que as empresas produzem os consumidores antes mesmo dos produtos. A partir disto, nos propomos a uma reflexão crítica: o

mesmo acontece com as identidades profissionais? As identidades profissionais são produzidas antes mesmo da formação?

Santos (2000) indica que no mundo do trabalho as técnicas tornam-se normas. Para ele,

Quando uma grande empresa se instala, chega com suas normas, quase todas extremamente rígidas. Com essas normas rígidas são associadas ao uso considerado adequado das técnicas correspondentes, o mundo das normas se adensa porque as técnicas em si mesmas também são normas. Pelo fato de que as técnicas atuais são solidárias, quando uma se impõe cria-se a necessidade de trazer outras, sem as quais aquela não funciona bem. Cada técnica propõe uma maneira particular de comportamento, envolve suas próprias regulamentações e, por conseguinte, traz para os lugares novas formas de relacionamento. O mesmo se dá com as empresas. É assim que também se alteram as relações sociais dentro de cada comunidade. Muda a estrutura do emprego, assim como as outras relações econômicas, sociais, culturais e morais dentro de cada lugar, afetando igualmente o orçamento público, tanto na tanto na rubrica da receita como no capítulo da despesa. Um pequeno número de grandes empresas que se instala acarreta para a sociedade como um todo um pesado processo de desequilíbrio. (SANTOS, 2000, p.33).

Nesse sentido, Hall (1997) apresenta o processo de regulamentação do mundo do trabalho. A concepção é da auto-regulação do mercado, considerando que ele gestiona recursos, retribui a eficiência e a inovação, para além de recriminar o oposto. Ou seja, trata-se uma forma de regulamentar condutas.

A afirmativa é que o mundo do trabalho cria e requer uma cultura administrativa e organizacional. Constituída de regras, expectativas, processos e normas. Assim, observamos em Santos (2000) e Hall (1997) a compreensão de que as normas geradas a partir das técnicas provocam efeitos que atingem a todos, à medida que o trabalho é um eixo significativo da vida humana, as consequências do mundo do trabalho impactam as demais esferas.

Por meio desta regulação, empresas multinacionais fazem com que os concorrentes locais questionem e modifiquem suas normas de produção e de trabalho para comportamentos semelhantes aos seus. Desta forma, o mercado globalizado é imponente de um funcionamento rápido e fluído. (SANTOS, 2000).

Logo, o mundo do trabalho representa o conceito de globalização como perversidade, uma vez que o poder das empresas é “desagregador, excludente,

fragmentador, sequestrando autonomia ao resto dos autores”. (SANTOS, 2000, p.42). A representação da globalização como perversidade também aparece na obra de Canclini (2010), onde o cenário globalizado resulta em indivíduos diferentes, desiguais e desconectados.

No cenário globalizado, imerso por uma liquidez, a sociedade moderna é constituída pelas mudanças constantes, ágeis e permanentes. Cada indivíduo da sociedade apresenta identidades fragmentadas, ou seja, cada pessoa pode assumir diferentes identidades em momentos diversos.

Segundo Figaro (2008, p.9), “o trabalho se torna o ponto a partir do qual identidades sociais se definem, marcadas pela pergunta corriqueira que nos têm acompanhado: o que você faz?”. A identidade modifica-se de acordo como cada indivíduo é visto ou representado. (HALL, 2005).

Neste sentido, Hall (2005) define que as identidades são processos em andamento, são constituídos de hibridismos. O autor vincula a discussão sobre as identidades aos processos e práticas da modernidade, por isso, a globalização é um contexto indissolúvel para compreender a configuração de identidades profissionais.

Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. (HALL, 2005, p.87).

Hall, Silva e Woodward (2000) defendem que as identidades são resultados do mundo cultural e social, pois são produzidas no plano destas relações. De forma que,

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. (HALL; SILVA; WOODWARD, 2000, p.83).

Desta forma, questiona-se se nos objetos de estudo aqui analisados (PPC), os perfis dos egressos apresentados pelas IES são normalizados em razão dos interesses e da dinâmica do mundo do trabalho. Assim, as identidades profissionais são padronizadas e reproduzidas através dos sistemas e das relações neste âmbito.

3. O impacto da convergência midiática na configuração identitária

A frase: “Bem-vindo à cultura da convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p.30), enfatiza como a convergência midiática transformou a sociedade contemporânea. O autor refere-se a convergência em razão do grande número de conteúdos e das diversas plataformas de mídia.

Por outro lado, a convergência também está presente no comportamento da sociedade em rede, que já possui uma cultura digital. A convergência permite ao público migrar entre os meios de comunicação, buscando pela melhor experiência. O termo também aponta as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais.

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. (JENKINS, 2009, p.43).

Desta forma, os relatos de Jenkins (2009) são que a convergência midiática impacta em diversas esferas da vida em sociedade. Neste artigo, mencionamos o conceito no mundo do trabalho, onde já indicamos as transformações oriundas da globalização e por consequência, o espaço aberto para a convergência.

Assim, tratando-se de meios de comunicação e de produtos midiáticos, a Produção Editorial e a Editoração são áreas grandemente impactadas pela convergência midiática. Para além disto, as transformações nos meios de comunicação são recorrentes

e líquidas. O resultado dessas mudanças é o sentimento de urgência e de destempo, já abordados anteriormente.

Em virtude desta liquidez e urgência imposta pela globalização e pela convergência midiática, adicionado ao destempo das IES, os profissionais atuantes no campo editorial estão diante do desafio de não sucumbir frente à demanda e padrão de produção editorial didática. Ora, à medida que a área solicita profissionais com características multidisciplinares e com pluralidade para atuação em diversos dispositivos e segmentos, atendo aos requisitos da convergência midiática e padrões inovadores globais, como se configura a sua identidade profissional diante destes elementos? É possível ser um produtor diante de tantas reproduções (globais, comportamentais, normativas)?

A nossa proposta é a construção de um percurso para a Produção Editorial e Editoração que contemple as possibilidades e alternativas contra a pedagogia da reprodução. Para isso, acreditamos que a educação contemporânea deve ser um instrumento para o enfrentamento de tantas reproduções educacionais. Assim, defendemos que o fazer editorial deve contemplar aspectos da pedagogia da autonomia e da autoria, privilegiando a arteficialidade de educadores e educandos. (SILVA; MERCADO, 2013).

Os produtores editoriais e editores podem desenvolver aspectos profissionais e sociais condizentes e aplicáveis ao contexto da educação contemporânea, já que os produtos editoriais didáticos impactam o público final de maneira significativa, sejam eles alunos ou professores. Os profissionais que fazem parte do processo educacional devem atentar-se para o senso de criticidade nas produções que participam, bem como, deve estar presente o sentimento de responsabilidade com o público, além da ética editorial.

4. Procedimento metodológico

Para a realização desta pesquisa foi escolhida a pesquisa documental objetivando o mapeamento das disciplinas voltadas à Produção Editorial Didática nos Cursos de Produção Editorial e Editoração do Brasil e a análise dos Planos Pedagógicos de Cursos (PPC), de modo a verificar como o profissional é configurado no perfil de egresso construído pelas IES.

O universo da pesquisa contempla cursos de Produção Editorial e Editoração do Brasil, que estão atualmente vigentes e credenciados no Ministério da Educação (MEC). Para verificar os cursos de Produção Editorial e Editoração do Brasil foi realizada uma pesquisa no Sistema de Regulação de Ensino Superior e-MEC, onde é possível consultar o cadastro de cursos regularizados e IES.

O primeiro objeto de análise documental é o conteúdo textual descrito no Plano Pedagógico de Curso na seção de Perfil de Egresso. O objetivo em consultar este documento é analisar de modo a verificar como o Curso descreve e identifica o seu egresso, buscando observar elementos textuais que indiquem a presença da convergência midiática e da globalização.

Além disso, ao consultar o PPC de cada Curso, objetiva-se verificar a quantidade de disciplinas voltadas à Produção Editorial Didática, que se configura como um dos objetivos específicos da pesquisa, para verificar a importância da seara educacional dentro dos cursos.

Assim, estes documentos foram solicitados às IES por endereço eletrônico, já que, algumas não disponibilizam em seus sites institucionais. Contudo, o acesso às documentações do PPC foi possível apenas em duas instituições públicas, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ). A Anhembi Morumbi (UAM) não retornou aos contatos realizados e também não disponibiliza os documentos de forma pública, impossibilitando a análise. Contudo, a análise curricular foi possível nos quatro cursos com turmas abertas no Brasil atualmente, além das três já citadas, também foi possível analisar a grade do Curso de Universidade de São Paulo (USP).

5. Análise e discussão de resultados

Dividimos este espaço para comportar a análise da composição curricular e para investigar elementos textuais que indiquem a presença do fenômeno de globalização e da convergência midiática no perfil de egresso dos cursos de Produção Editorial e Editoração das Instituições de Ensino Superior Públicas do Brasil, tendo em vista que apenas estas disponibilizaram o acesso aos Planos Pedagógicos de Cursos..

5.1 Grade curricular

A grade curricular dos cursos foi analisada, observando a quantidade de disciplinas, do currículo fixo, destinadas à educação. Na UFSM, consideramos a existência de apenas uma disciplina exclusiva à temática, sendo intitulada de “Projeto Experimental em Educação”, com carga horária de 120 horas.

Dentro do segmento educacional, também está presente na grade curricular uma disciplina chamada “Publicações Científicas”, contendo 60 horas de carga horária. Ainda, no segmento de periódicos também existe uma disciplina de projeto experimental, nomeada de “Projeto Experimental em Publicações Científicas”, com 120 horas.

Assim, ao analisar o curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM verificamos que para a categoria de periódicos científicos existe a totalidade de 180 horas dedicadas a teoria e prática do segmento. Do contrário, a disciplina específica destinada à produção editorial didática não possui uma disciplina teórica que antecede a prática do projeto experimental, além de totalizar menos carga horária do que comparada às duas destinadas às publicações científicas. Assim, dentro da disciplina de “Projeto Experimental em Educação”, das 120 horas é necessário destinar uma parte dela para introdução no segmento, demonstrando aos discentes as particularidades da área, de modo a prepará-los para a execução do projeto experimental.

Analisando a ordem apresentada, também é um obstáculo para os alunos, que além de não terem uma disciplina teórica específica para introdução no campo educacional, a disciplina está inserida no 6º semestre. O resultado desta estruturação e ordenação é que muitos estudantes já possuem outras áreas de interesse, desconhecem totalmente a atuação profissional editorial nesta área e dividem a atenção da disciplina com outras, relativas ao Trabalho de Conclusão de Curso e optativas, já que estão no último ano do Curso.

Acerca da grade curricular do curso de Comunicação Social - Editoração da USP, duas disciplinas são voltadas ao campo da produção editorial didática, sendo elas “Edição de Livros Escolares I” e “Edição de Livros Escolares II”, ambas com 90 horas. As disciplinas são teóricas, onde a primeira tem como objetivo tratar o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a segunda o Programa Nacional do Livro do

Ensino Médio (PNLEM), preparando o estudante para atuação profissional na área de produção editorial didática. As disciplinas mencionadas estão alocadas no 5º e 6º período. Considera-se que a organização curricular possibilita o aprofundamento no conteúdo e pode despertar no estudante o interesse pela área mais cedo, possibilitando a procura por bolsas, estágios ou atuação profissional na área. Para além disto, o mercado editorial concentra-se no eixo Rio-São Paulo, o que também coerência com a oferta das disciplinas, tendo em vista a produção dos livros didáticos para Governo Federal e escolas particulares são realizadas por editoras da região sudeste.

Já o curso de Produção Editorial da UAM apresenta na grade curricular uma disciplina voltada ao campo educacional, nomeada de “Design e Conteúdos Instrucionais”, localizada no 5º semestre.

A grade curricular do curso de Produção Editorial da UFRJ, apresenta do 1º ao 3º período, disciplinas relativas ao âmbito geral da Comunicação Social. A partir do 4º período iniciam-se as disciplinas específicas da habilitação. Contudo, analisando a grade curricular, não foi encontrado nenhuma disciplina específica destinada à produção editorial didática ou ao campo editorial educacional.

Podemos refletir que as grades curriculares contemplam necessidades de cada região, bem como, de cada Instituição. Retomamos o conceito de identidade de Hall (1997) e de Santos (2000) acerca da normatização. Conforme os autores, as identidades são normatizadas em razão dos interesses e da dinâmica do mundo do trabalho. Assim, as identidades profissionais são padronizadas e reproduzidas através dos sistemas e das relações dele. Verificamos isto com a oferta de disciplinas específicas para contemplar o PNLD e PNLEM na USP e na UAM pela presença de uma disciplina que atende demandas mercadológicas contemporâneas da educação, para produção de materiais educacionais que vão além dos livros didáticos e que contemple a educação de maneira mais ampla.

5.2 Perfil de egresso

Para analisar o perfil de egresso buscou-se pelo acesso ao PPC dos cursos de graduação das instituições que cederam ou dispensavam publicamente o acesso aos documentos: UFSM e UFRJ.

O perfil de egresso do Curso de Comunicação Social - Produção Editorial é apresentado no PPC e caracterizado:

- pela atuação na produção, processamento e divulgação da informação publicada em diferentes meios, especialmente nos sistemas industriais de comunicação de massa, capazes de coordenar aspectos contêudísticos, formais e mercadológicos do trânsito dos produtos editoriais;
- pela capacidade de uso correto do idioma nacional e das estruturas de linguagem adequadas aos meios em que atuar;
- pelo domínio da convergência dos processos de edição de texto, áudio e imagem (estática e em movimento), em multimeios, organizando-os no sentido de conferir clareza e eficiência aos produtos de comunicação;
- pelo exercício crítico de produtos culturais, baseando-se em sólido conhecimento do contexto contemporâneo, da história, das manifestações estéticas e dos meios de comunicação;
- pelo planejamento e execução de produtos editoriais, zelando pelos aspectos éticos, criativos, técnicos e mercadológicos;
- pelas ações de desenvolvimento editorial e de produção de bens de informação. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, p.1-2, 2014).

A partir do trecho, verificamos que os aspectos técnicos estão fortemente presentes no perfil de egresso. Destacamos a menção ao conceito de convergência dos meios, de modo que possamos inferir que a atuação profissional com grande número de conteúdos e de diversas plataformas de mídia é parte do esperado. Retomamos Jenkins (2009) que defende que a convergência modifica a lógica de operacionalização da indústria. Assim, consideramos que a convergência midiática faz parte da configuração identitária do profissional de Produção Editorial. Além disso, destacamos também os pontos relativos à criticidade nos produtos culturais, além do aspecto ético e criativo, questões que dialogam com a pedagogia da autonomia e da autoria, mencionados anteriormente como uma possibilidade frente à pedagogia da reprodução.

Considera-se importante também destacar que por se tratar de uma habilitação da Comunicação Social, o perfil de egresso comum aos cursos de Comunicação Social também é de importante análise.

- a) - o egresso de Curso caracteriza-se por suas competências profissionais, sociais e intelectuais, tanto em matéria de criação, produção, distribuição, recepção, e análise crítica referentes às mídias, bem como no tocante às práticas profissionais e sociais relacionadas com estas, e a suas inserções culturais, políticas e econômicas.

-
- b) - deve ter competências que reflitam a variedade e mutabilidade de demandas sociais e profissionais na área, propiciando uma capacidade de adequação à complexidade e velocidade do mundo contemporâneo.
- c) - necessita dispor de uma visão integradora e horizontal - genérica e ao mesmo tempo especializada de seu campo de trabalho - possibilitando o entendimento da dinâmica das diversas modalidades comunicacionais e das suas relações com os processos sociais que as originam ou que destas decorrem.
- d) - deve utilizar criticamente, em sua atividade profissional, o instrumental teórico-prático oferecido em seu curso, sendo competente para posicionar-se de um ponto de vista ético-político sobre o exercício do poder na comunicação, sobre os constrangimentos a que esta pode ser submetida, sobre as repercussões sociais que enseja e ainda sobre as necessidades da sociedade contemporânea em relação à comunicação social.
- e) - para isto, precisa ter uma formação que transcenda as especialidades profissionais e proporcione uma compreensão ampla e rigorosa do campo da Comunicação, desenvolvendo assim uma percepção geral sobre este, no qual as especialidades se inscrevem, e que possibilite participar da discussão pública sobre as significativas temáticas que perpassam toda produção midiática em uma sociedade de comunicação.
- f) - com estas características, o perfil do egresso nos Cursos de Comunicação Social esta baseado em uma dupla fundamentação - a primeira, genérica e universalista; a segunda específica e particularizada - viabilizando o desenvolvimento de competências e habilidades profissionais amparadas em uma percepção fundamentada da sociedade contemporânea e da área de Comunicação. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, p.1, 2014).

A partir deste trecho observamos a pluralidade do perfil do egresso, contemplando além de aspectos técnicos, aspectos sociais, culturais, éticos e humanos.

A UFRJ também apresenta um perfil de egresso específico para habilitação e outro comum aos cursos de Comunicação Social. De acordo com o PPC,

O graduado em Produção Editorial pela Escola de Comunicação estará, ao final de seu curso, apto a trabalhar em editoras ou outras instituições públicas ou privadas que tenham entre suas atividades a elaboração de produtos editoriais para os mais diferentes suportes (impressos, eletrônicos e virtuais), atuando de forma eficaz e inovadora na seleção e organização das informações de acordo com o público-alvo. Por isso, estão entre suas atribuições processos de edição de textos tais como resumos, apresentações de capas e orelhas de livros, textos de revistas, textos para edições sonoras, audiovisuais e multimídia, além de tratamento adequado para textos didáticos e paradidáticos. Deve ainda dominar atividades como negociação de direitos, preparação e revisão de originais, produção gráfica e diagramação de impressos, roteirização de produtos em diferentes suportes, gravações e montagens.

Também deve ter a capacidade de preparar orçamentos, planejar estratégias para lançamento, comercialização e distribuição de produtos editoriais, analisar tendências do mercado e mudanças no perfil dos consumidores, fazer avaliações críticas da indústria em sua relação com as transformações sociais, tecnológicas, econômicas e culturais. (ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO, 2018, p.48-49).

O texto do perfil de egresso indica que o egresso do curso de Produção Editorial da IES possui uma sólida e ampla formação humanista e crítica. Acerca do perfil de egresso enquanto comunicador, a UFRJ indica que o profissional tem competências “profissionais, sociais e intelectuais em matéria de criação, produção, distribuição, recepção, e análise crítica referentes às mídias, às práticas profissionais e sociais relacionadas com estas, e a suas inserções culturais, políticas e econômicas”. (PPC, 2018, p.29). Além disso, deve ter um olhar integrado e horizontal, amplo e especializado em simultâneo, de modo a possibilitar a atuação nos vários meios de comunicação. Assim como o PPC da UFSM, reforçam os aspectos éticos e políticos da produção cultural.

CONSIDERAÇÕES

A partir do mapeamento das disciplinas de produção editorial didática e do perfil de egressos traçados pelas IES identificamos uma prioridade nos aspectos técnicos. Contudo, também aparecem os aspectos sociais, indicando que os profissionais devem apresentar reflexão crítica, social e política. O viés humanista também aparece, porém, de maior forma, no perfil do egresso da Comunicação Social.

De modo limitado e incipiente, podemos dizer que na formação acadêmica dos cursos de Produção Editorial e Editoração do Brasil apresentam disciplinas que contemplam o campo educacional. Além disto, também podemos afirmar que existe uma preocupação institucional em formar profissionais que atuem de forma criativa e crítica, demonstrando o potencial técnico e social que a formação possibilitou. Aspecto importante para a configuração da identidade profissional, já que conforme Hall (2005) as identidades são processos em andamento estão vinculadas aos processos e práticas da modernidade. Dessa forma, os elementos textuais do perfil de egresso demonstram preocupação com a formação humanista, tendo em vista que estes profissionais são parte do processo editorial que envolve livros didáticos, livros técnico-científicos e

demais recursos educacionais utilizados desde o ensino fundamental até o ensino superior e são positivos para a configuração da identidade profissional.

REFERÊNCIAS

BOMFÁ, Cláudia (Org.). **Desafios**: editoração em tempos de convergência. 1 ed. - Santa Maria, RS: Ed. Experimental pE.com, UFSM, 2018.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010 (11-26 e 195-212).

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO. **Projeto Pedagógico de Curso**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018.

FIGARO, Roseli. **Relações de comunicação no mundo do trabalho**. 1 ed. - São Paulo, SP: Annablume, 2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: THOMPSON, Kenneth. **Media and Cultural Regulation**. Inglaterra, 1997.

HALL, Stuart; Silva, Tomas Tadeu da; WOODAWRD, Kathryn. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. Acesso em: 12 out. 2020.

Martín-Barbero, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: Dênis de Moraes (org.), **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 51-79. 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: BestBolso; 2000.

SILVA, Ivanderson Pereira da; MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. Tendências pedagógicas no mundo contemporâneo: reflexões sobre a pedagogia da reprodução e a pedagogia da autoria. **Revista EDaPECI**. São Cristóvão (SE) v.13. n. 2, p. 234-261 mai. /ago. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Projeto Pedagógico de Curso (2014)**. Curso de Comunicação Social - Produção Editorial. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/producao-editorial/projeto-pedagogico>>. Acesso em: 30 jul. 2020.